



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Agesilaus Santander <Segunda versão>
Autor	Walter Benjamin
Tradutora	Beatriz Malcher
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 5, Campinas, 2021
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4115

Formato de citação sugerido:

BENJAMIN, Walter. “Agesilaus Santander <Segunda versão>”. Traduzido por Beatriz Malcher. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 576-579.

AGESILAUS SANTANDER

<Segunda versão>*

Walter Benjamin

*Tradução de Beatriz Malcher***

Quando nasci, meus pais pensaram que talvez eu pudesse me tornar um escritor. Então, seria bom se nem todos percebessem que eu era judeu. Por isso, além do meu primeiro nome, eles me deram mais dois outros incomuns, os quais não se podia perceber que um judeu os usava, nem que lhe pertenciam como nome próprio. Quarenta anos atrás, um casal de pais não poderia ter sido mais clarividente. O que pensavam ser apenas remota-

* Este curto texto, parte constitutiva de seus *Autobiographische Schriften* (escritos autobiográficos), foi escrito durante a estadia de Benjamin em Ibiza, em agosto de 1933, menos de um mês após a Alemanha ser declarada um Estado de partido único por Adolf Hitler. Esse foi também o período em que o filósofo manteve um relacionamento com a russo-alemã Olga Parem, que negou seu pedido de casamento. Ambos os acontecimentos, assim como os seus estudos da *Kabbalah*, são relevantes para a compreensão deste enigmático texto. As suas duas distintas versões foram formuladas nos dias 12 e 13 de agosto daquele ano, sendo a segunda uma ampliação mais bem elaborada da primeira, apesar de também mais cifrada e metafórica.

** Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em Teoria Literária pela referida instituição e mestre em Mídia e Mediações Socioculturais pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. E-mail: malcher.beatriz@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4077-3860>

mente possível aconteceu. No entanto, as precauções com as quais pretenderam combater o destino foram deixadas de lado por aquele a quem diziam respeito. Em vez de tornar o nome público com as obras que escreveu, ele o manteve em segredo, assim como os judeus preservam em segredo os nomes suplementares dados a seus filhos. Sim, eles apenas os revelam a eles quando se tornam homens. Mas, como tornar-se um homem pode acontecer mais de uma vez na vida, talvez o nome secreto permaneça o mesmo e inalterado apenas ao devoto; portanto, em quem não o é, sua transformação pode se manifestar de um só golpe em um novo amadurecimento [*Mannbarwerden*].* Assim ocorre comigo. Ele permanece, por isso, nada menos que o nome que une as forças vitais no vínculo mais estreito e que deve ser protegido daquilo que não se pode mencionar.

Mas este nome não é de forma alguma um enriquecimento daquilo que ele designa. Pelo contrário, grande parte de sua imagem desmorona quando ele é dito em voz alta. Perde-se, acima de tudo, o dom de parecer humano. No quarto no qual morei em Berlim, antes que sáísse do meu nome e aparecesse armado e protegido com sua armadura, ele fixou sua imagem na parede: o Novo Anjo [*Neuer Engel*].** A *Kabbala* diz que Deus cria em cada instante uma multiplicidade de anjos, cujo efêmero destino é louvá-lo por um momento diante de seu trono, antes de desaparecerem no nada. O novo se apresentou como um tal anjo antes

* *Mannbarwerden* é a forma substantivada da conjunção verbal “*mannbar werden*” (se tornar homem). Na inexistência de substantivo idêntico na língua portuguesa, optou-se pelo termo “amadurecimento” nesta tradução.

** Referência provável ao *Angelus Novus* de Paul Klee, que aparecerá de modo mais explícito no famoso *Über den Begriff der Geschichte* (1940).

de ser batizado. Só tenho medo de tê-lo privado de seu hino por muito tempo. Quanto ao resto, o anjo me recompensou com isso: aproveitando o fato de que eu vim ao mundo sob a influência de Saturno – a estrela de revolução mais lenta e o planeta dos desvios e dos atrasos – ele encaminhou sua forma feminina à masculina através do desvio mais longo e funesto, embora ambas as formas tenham algum dia sido, sem se conhecer, vizinhas no seu mais íntimo. Talvez ele não soubesse que a força do que ele queria conhecer poderia ser melhor demonstrada na espera. Se esse homem se deparasse com uma mulher que o cativasse, ele tornava-se inadvertidamente decidido a esperar toda a vida, e esperaria até que ela, doente, envelhecida, com roupas esfarrapadas, lhe caísse nas mãos. Em suma, não havia nada que enfraquecesse a paciência do homem. E as asas dele se assemelhavam às asas do anjo, que, com pouquíssimos impulsos, poderia manter-se impassível/inabalável por muito tempo diante daquilo que estava determinado a não mais abandonar.

Mas o anjo se parece com tudo de que tive que me separar: as pessoas e especialmente as coisas. Ele vive nas coisas que eu não tenho mais. Ele as torna transparentes e, por trás de cada uma delas, me aparece aquele a quem elas se destinam. É por isso que ninguém é mais generoso do que eu. Sim, talvez o anjo tenha sido atraído por uma pessoa generosa que acaba de mãos vazias. Porque mesmo ele, que tem garras pontudas e asas afiadas, não faz nenhum movimento para atacar quem avistou. Ele o encara – por muito tempo, e então se afasta aos solavancos, mas implacavelmente. Por quê? Para segui-lo pelo caminho para o futuro pelo qual ele veio e o qual conhece tão bem, que o atra-

vessa sem se virar e deixar de olhar para o que escolheu. Ele quer a felicidade: o conflito em que o arrebatamento do único, do novo e do ainda não vivido se encontra com a bem-aventurança do repetido, do reaparecimento, do vivido. É por isso que ele não pode esperar por algo novo em nenhum caminho a não ser no caminho de retorno à sua casa, se ele leva consigo uma nova pessoa. Assim como eu, que quando te vi pela primeira vez, te levei de volta em direção ao lugar de onde eu venho.

Ibiza, 13 de agosto de 1933.

*Original: BENJAMIN, W. "Agesilaus Santander <Zweite Fassung>". In: BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften Band 6. Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhauser. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991. pp. 521-523.**

Recebido 21/05/2021

Publicado 15/02/2022